

# **A construção do lesbianismo na sociedade carioca oitocentista\***

**Minisa Nogueira Napolitano\***

Palavras-chave: Lesbianismo; Medicina; Rio de Janeiro; Século XIX.

## **Resumo**

Quando a sodomia feminina deixou de ser da alçada da Inquisição, em 1642, o tema das relações sexuais entre mulheres, pelo que consta, não foi, no Brasil, mais tratado e nem sequer mencionado até o século XIX. Com o fim da Inquisição, no oitocentos, as relações sexuais entre mulheres deixaram de pertencer à esfera da heresia, ou seja, deixou de ser um problema religioso para, mais adiante, tornar-se um problema social. Paralelo às transformações socioculturais ocorridas ao longo do século XIX – como, por exemplo, a tentativa de implantação do modelo da família burguesa higiênica entre nós –, a homossexualidade passou a fazer parte de tratados de medicina e de obras literárias. Buscaremos exatamente mapear quando e como a mulher que se relacionava sexualmente com outras mulheres recebeu, no Brasil, a atenção de médicos e estudiosos e sua existência foi reconhecida socialmente.

---

\* Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú-MG – Brasil, de 20- 24 de Setembro de 2004.

\* Mestranda em História pela UNESP – Franca.

## A construção do lesbianismo na sociedade carioca oitocentista\*

Minisa Nogueira Napolitano\*

Durante a primeira Visitação do Santo Ofício à América Portuguesa, comandada pelo inquisidor Heitor Furtado de Mendonça, o tema da prática da sodomia entre mulheres foi alvo de muita discussão, dúvidas e controvérsias entre teólogos, estudiosos e inquisidores. Apesar da prática sexual entre elas terem sido registradas no livro das Confissões da Bahia, condenadas pelas Ordenações Filipinas (século XVI) e pelas Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, de 1707, constituições escritas pelo 5º arcebispo da Bahia D. Sebastião Monteiro da Vide, nunca se chegou a um consenso, no seio da Inquisição, se tal prática poderia realmente caracterizar a sodomia<sup>1</sup> propriamente dita.

Na falta de um consenso sobre como o Santo Ofício da Inquisição deveria proceder com tais mulheres, somado ao desconhecimento que então se tinha da anatomia do corpo feminino, como bem atesta Lígia Bellini em seu livro *A Coisa Obscura*, a suposta sodomia feminina deixou de pertencer à alçada inquisitorial. O maior motivo alegado pelos inquisidores para tanto foi que a sodomia não poderia ser praticada entre mulheres, visto que elas *não possuem um órgão capaz de penetrar e derramar sêmen no vaso posterior da outra*.

De acordo com Sinistrari, em seu tratado *De Sodomia*, era necessário algo além daquilo que fazia parte do funcionamento normal do corpo feminino para se dar a seminação dentro do vaso impróprio, caracterizando assim a sodomia. Mesmo com a utilização de instrumentos de couro, de vidro, de madeira ou de outro material, não cumpria a condição de haver coito, já que estes instrumentos não pertenciam ao corpo humano. Com isso, ele discordava da opinião geral, de que a sodomia entre mulheres podia se dar pelo uso de tais instrumentos.<sup>2</sup> Ainda, segundo Bartholin, na Etiópia ou no Egito, todas as mulheres têm o clitóris saliente, ele pende como um pênis e é costume, quando nascem meninas, de lhes queimar o clitóris com um ferro em brasa para impedir seu crescimento exagerado e para que ele não impeça a aproximação do homem. Com isso, somente se uma mulher possuísse um clitóris nessas condições, ela poderia deflorar outra e chegar até a cometer a sodomia. Então, mesmo não sendo em vaso impróprio, a sodomia poderia se dar entre duas mulheres se ela possuísse um clitóris, de acordo com as condições descritas anteriormente, para penetrar a outra, já que esse tipo de coito não seguia geração. Segundo esses critérios, a mulher poderia cometer a sodomia com um outro sexo, no vaso anterior ou posterior de uma mulher e

---

\* Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú-MG – Brasil, de 20- 24 de Setembro de 2004.

\* Mestranda em História pela UNESP – Franca.

<sup>1</sup> Pecado Nefando, sensual, tem esse nome da palavra Sodoma, cidade antiga da Palestina cujos habitantes o praticavam. ALMEIDA, Cândido Mendes. Código Filipino. Typografia do Instituto Philomantico, 14ª edição, Rio de Janeiro, V.1, 1870. P. 1162. A mais influente definição de sodomia, foi a de Santo Tomás de Aquino, construída pela Escolástica, “a união sexual de homem com homem e de mulher com mulher, sendo que o coito anal entre machos seria a sodomia perfeita”.

<sup>2</sup> SINISTRARI apud BELLINI, Lígia. *A Coisa Obscura: Mulher, Sodomia e Inquisição no Brasil Colonial*. São Paulo, editora brasiliense, 1987. P. 43.

também no vaso posterior de um homem. As mulheres com o clitóris mais desenvolvido estavam mais aptas às tentações carnis e tal característica passava a ser a prova do crime.<sup>3</sup>

A sodomia propriamente dita, segundo o livro Quinto das Ordenações Filipinas, se equiparava ao de lesa-majestade e se estendia tanto aos homens quanto às mulheres que cometessem o pecado contra a natureza (natureza são as partes da geração). Todos os culpados seriam queimados e feitos por fogo em pó<sup>4</sup>, seus bens confiscados para a coroa e seus filhos e netos seriam tidos como infames e inábeis. As Constituições Primeiras do Arcebispo da Bahia mencionam o crime de sodomia em seu livro V, título XVI. Para ser melhor castigado, tal delito, por breve do papa Gregório XIII, deveria ser mesmo deixado aos rigorosos cuidados dos Inquisidores Apostólicos do Tribunal do Santo Ofício. Considerava-se tão horrendo o crime da sodomia que não se ousava pronunciar seu nome; Deus, inclusive, havia destruído cinco cidades, duas delas somente por serem vizinhas de onde se tinha cometido o crime da sodomia, tamanha sua ira com quem o cometesse. Era tão horrendo que parecia feio até mesmo ao Demônio, e quem o cometesse estava carecido de razão, infeliz e esquecido de sua própria salvação. Fazia-se a distinção entre dois tipos de sodomia, a sodomia própria, praticada homem com homem ou homem com mulher e a sodomia imprópria, praticada entre duas mulheres. Se fosse provada a culpa do denunciado, prendia-se somente os que houvessem cometido a sodomia própria.<sup>5</sup>

Segundo Lígia Bellini, o quadro indefinido sobre a sodomia feminina, durante a primeira Visitação do santo Ofício, se deve ao fato de teólogos, juristas e inquisidores se basearem no conhecimento do corpo masculino e nas suas possibilidades de transgressão. Era mais fácil supor um corpo feminino monstruoso do que questionar e rever critérios desenvolvidos com base na anatomia do corpo masculino, como fez Sinistrari. Portanto, as mulheres não eram julgadas em sua especificidade anatômica. As relações lascivas entre elas, eram vistas como se pelo menos uma delas tivesse um falo. Comportando-se como homem, a mulher no papel de ativa, termo esse que vem desde a Antiguidade, desrespeitava o princípio da divisão entre gêneros e como sugeriu Montaigne, era chamado de contra a natureza, pois ocorria contra o costume.<sup>6</sup>

Num estudo recente sobre a sodomia feminina, Ronaldo Vainfas teceu algumas considerações sobre os motivos pelos quais os inquisidores faziam vistas grossas a esse pecado. O pesquisador afirma que as mulheres seriam bem mais discretas em suas relações sexuais se comparadas aos homens<sup>7</sup>. Por chamarem bem menos a atenção do povo, dar menos na vista, gerarem menos comentários, tais delitos talvez não tenham despertado a curiosidade dos inquisidores, que se concentraram na busca de desvios sexuais masculinos. Afinal, uma das grandes preocupações dos religiosos era não deixar que casos de sodomia viessem a se tornar públicos. O baixo número de *nefandices*, na colônia como na Europa mostra a discrição dos amores femininos em relação aos fanchonos. Um outro motivo apontado por Vainfas seria o fato de muitos dos casos de relações sexuais entre mulheres não passavam de brincadeiras entre adolescentes e, também, pelo fato de que muitas mulheres, na tentativa de satisfazerem os seus desejos, relacionavam-se com outras para não perderem a sua virgindade.<sup>8</sup>

---

<sup>3</sup> BARTHOLIN apud BELLINI, Lígia. *A Coisa Obscura: Mulher, Sodomia e Inquisição no Brasil Colonial*. São Paulo, editora brasiliense, 1987. P. 42.

<sup>4</sup> O culpado era queimado vivo e não previamente estrangulado como no caso de heresia. . ALMEIDA, Cândido Mendes. *Código Filipino*. Typografia do Instituto Philomantico, 14ª edição, Rio de Janeiro, V.1, 1870. P. 1162.

<sup>5</sup> VIDE, D. Sebastião Monetiro da. *Constituições Primeiras do Arcebispo da Bahia*. Typografia 2 de Dezembro de Antonio Louzada Antunes, São Paulo, 1853. P. 331 e 332.

<sup>6</sup> BELLINI, Lígia. *A Coisa Obscura: Mulher, Sodomia e Inquisição no Brasil Colonial*. São Paulo, editora brasiliense, 1987. P. 69 e 70.

<sup>7</sup> VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos Pecados*. Rio de Janeiro, Editora Campus, 1989. P. 157.

<sup>8</sup> Idem. P. 176 e 177.

As *nefandices* confessadas por mulheres casadas pareciam ser, antes de tudo, jogos pueris, toques e experimentos sexuais de crianças, ou então, no caso das moças donzelas, forma de libertar o desejo sem comprometer a *honra* da virgindade, pois como diria um moralista do século XVIII, para as mulheres “a melhor fama era não ter fama”. No caso de mulheres brancas ou de famílias importantes, a virgindade era atributo essencial para se levar a bom termo o casamento das filhas. Esse foi o tom predominante da sodomia feminina: meninas se iniciando sexualmente umas com as outras e jovens casadoiras se enamorando, sem pejo, ou perseguindo meninas em qualquer ocasião. Depois de casadas, deixavam de pecar, ao menos no *nefando*, é o que a maioria delas assegurava ao visitador. Em grande parte das vezes, o relacionamento entre mulheres não passava de cartas amorosas, bilhetinhos, olhares e trocas de carícias, não chegando muitas vezes a atos carnavais. Algumas mulheres casadas preferiam o amor de outras mulheres, como o chamego com escravas, outras, talvez em busca de prazer que seus maridos não ofereciam e outras até por opção homoerótica.<sup>9</sup>

Para Judith Brown, a descrença em relação à sexualidade feminina se devia ao fato de que as relações sexuais entre homens são bem mais mencionadas do que as relações entre mulheres, especialmente depois do século XIII, no Direito Canônico e Civil, nos manuais de penitência e confissão, em sermões populares e na literatura. Outra razão para se ignorar a sexualidade lésbica, era a crença de que as mulheres, que eram tidas como naturalmente inferiores aos homens, estavam apenas tentando desafiá-los. “É melhor que uma mulher se entregue ao desejo libidinoso de agir como um homem do que um homem se tornar efeminado, isso o torna menos corajoso e nobre. A mulher, portanto, que imita um homem, pode ter uma reputação de mais valente e corajosa do que outra”. Embora tal raciocínio não condene o sexo entre mulheres, como todas as outras criaturas, elas tentavam ascender a um estado mais perfeito da natureza.<sup>10</sup>

As discussões sobre esse tema seja na literatura médica, legal ou de outros tipos, segundo Judith Brown, traem uma ignorância básica sobre o que as mulheres fazem umas com as outras. Tanto é que as dificuldades conceituais que os homens da época enfrentavam em relação à sexualidade lésbica se refletem na falta de uma terminologia adequada. A sexualidade lésbica não existia, nem mesmo lésbicas. Essa palavra não foi usada habitualmente até o século XIX e era mais aplicada a uma série de atos do que a uma categoria de pessoas – então denominadas *fricatrices* ou *tribades*. A dificuldade em nomear tais crimes impossibilitam o seu conhecimento. Daí o fato de a falta de estudos mais específicos sobre essas relações persistirem até os dias de hoje – mesmo os livros sobre a história da sexualidade não fazem muita referência à sexualidade lésbica.<sup>11</sup>

As relações sexuais entre mulheres pareciam ser ignoradas pela Igreja, pela sociedade e pela própria Inquisição. Não se tinha um conhecimento concreto a respeito da sexualidade feminina e isso foi um dos principais motivos pelos quais essas mulheres foram deixadas de lado e suas relações não despertaram grande interesse da sociedade do período. Segundo o Tratado Hipocrático, o médico tinha pouco acesso ao corpo feminino. Conhecia-se por meio das confissões de parteiras ou das próprias mulheres. A prática da dissecação, que trouxe melhores esclarecimentos sobre a anatomia e fisiologia feminina, só foi autorizada no século XV e praticada no século XVI. Nos séculos XVI e XVII, teólogos debatiam a necessidade da semente feminina à fecundação. Parece que chegaram a um consenso de que a mulher produzia sêmen e o emitia no momento do orgasmo, mas as conclusões desse debate foram as de que o sêmen feminino não era necessário para a concepção de uma criança, mas ajudava

---

<sup>9</sup> Idem. P. 180.

<sup>10</sup> BROWN, Judith C. Atos Impuros: A vida de uma freira lésbica na Itália da Renascença. São Paulo, editora brasiliense, 1986.P. 18 – 21.

<sup>11</sup> Idem. P. 25 – 31.

tornando-a mais bela<sup>12</sup>. Um outro motivo para o pouco interesse, poderia ser o fato de suas relações serem bem mais discretas, não causando um comprometimento das instituições sociais vigentes, não o suficiente para despertar maiores atenções. Em suma, por razões diversas, a sodomia feminina não se tornou um problema relevante para os homens de então.

Após a sodomia feminina ter deixado de ser preocupação da Inquisição em 1642, o tema da relação sexual entre mulheres desaparece dos escritos produzidos na América Portuguesa. A bem da verdade, não se tem conhecimento de nenhum estudo ou relato sobre tal assunto até o século XIX, século em que pretendo situar a minha pesquisa.

Escolhi tal século porque é nele que as relações sexuais entre mulheres vão voltar a ser discutidas – sobretudo em teses médicas e obras literárias – e vão tornar-se um problema social, despertando a atenção da sociedade para um suposto *mal que se deveria erradicar*. O meu recorte temporal começa com a chegada de D. João VI ao Brasil, em 1808. E isso porque, com a vinda da família real, ocorreram enormes mudanças culturais, estruturais, sociais, políticas e econômicas aqui, sobretudo na cidade do Rio de Janeiro, que se tornou uma espécie de laboratório daquilo que poderíamos denominar uma verdadeira *cruzada civilizatória*, cruzada que contou com inúmeros agentes, entre os quais os literatos e médicos<sup>13</sup>, e termina nos primeiros anos do século XX, datando as últimas teses médicas que pretendo analisar de 1910.

Com as transformações socioculturais ocorridas ao longo do século XIX, como a mencionada tentativa de implantação do modelo da família higiênica, deu-se uma maior importância ao casamento, ao sexo e à maneira sobre como o casal deveria proceder dentro do casamento, nas relações sexuais e na criação dos filhos. A denominada *higienização das famílias* veio com esse intuito: o casal higiênico deveria constituir-se com o objetivo de defender a raça e o Estado através da proteção das crianças. Foi então que o homossexual passou a fazer parte dos escritos médicos e se deu uma maior importância a esse grupo de pessoas: descrevia-se seu tipo físico, sua classe social, seus costumes, sua situação econômica, seus vícios, suas práticas sexuais e até mesmo as causas da sua existência.<sup>14</sup>

Viveiros de Castro em seu livro *Attentados ao Pudor*, 1894, onde o termo *lésbia* é publicado pela primeira vez no Brasil, chama a atenção das autoridades sobre como proceder diante de aberrações sexuais, como as tribades<sup>15</sup>, por exemplo. Ele defende a intervenção da ciência na análise de algumas aberrações sexuais, porque só a ela caberia determinar se tais aberrações eram fruto de uma alma estragada e corrompida, portanto um perverso a punir, ou se esse ato é uma manifestação da degenerescência humana, portanto um doente a tratar<sup>16</sup>. Ao que parece, ao longo do século XIX, essa era a grande questão em se tratando da homossexualidade. Havia um impasse sobre como proceder com essas pessoas, não se sabia ao certo se deveria puni-los como se fossem delinquentes ou se deveria tratá-los como se fossem doentes.

Depois de a sodomia feminina ter deixado de ser preocupação da Inquisição em 1642, essas mulheres só voltaram a ser alvo de discussão no século XIX, quando a mulher começa a sair do confinamento doméstico que lhe era imposto pelo modelo patriarcal e a ter uma vida social mais explícita, um maior contato com pessoas de fora da casa em que ela vivia, se livrando de sua timidez e ignorância e até a poderem frequentar escolas. É exatamente por isso que escolhi o século XIX para situar a minha pesquisa, porque é nele que o tema das

---

<sup>12</sup> BELLINI, Lígia. *A Coisa Obscura: Mulher, Sodomia e Inquisição no Brasil Colonial*. São Paulo, editora brasiliense, 1987. P. 56 e 58.

<sup>13</sup> FRANÇA, Jean Marcel C. *Literatura e Sociedade no Rio de Janeiro Oitocentista*. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1999. P. 74.

<sup>14</sup> COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983. P. 219 e 248.

<sup>15</sup> Eram assim que se referiam às mulheres posteriormente chamadas de lésbicas.

<sup>16</sup> CASTRO, Francisco José Viveiros de. *Attentados ao Pudor (Estudo sobre as aberrações do instinto sexual)*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Freitas Bastos, 3ª ed., 1934. P. VI.

relações sexuais entre mulheres começa a ser realmente abordado, por médicos, estudiosos, literatos, enfim, pela sociedade como um todo.

A criação da *Faculdade de Medicina*, em 1832, e do *Hospício Pedro II*, em 1841, são marcos importantes do crescente processo de penetração do saber médico na sociedade carioca, processos cujos efeitos sobre os hábitos e costumes da população carioca foram enormes.<sup>17</sup> Entre essas mudanças está a inserção do médico no seio da família, inserção que proporcionou à mulher um maior acesso a informações sobre como proceder no trato dos filhos, do marido e da vida em sociedade. O programa de intervenção no meio social proposto pela medicina no século XIX é bom que se diga, via na mulher uma mediadora das relações entre médico/filho e médico/marido. Toda essa discussão em torno do papel da mulher na sociedade transformou-a num alvo privilegiado das discussões médicas, seu comportamento social e sexual, seus hábitos, sua vida em geral foram amplamente discutidos e seus “vícios” intensamente combatidos. Entre esses “vícios” está o lesbianismo, que no século XIX passou a ser crescentemente discutido pela sociedade carioca.

## **Bibliografia**

### **Fontes Primárias:**

#### **Teses médicas:**

AGUIAR, Virgílio José de. Malefícios do espartilho sobre o aparelho genital. Rio de Janeiro, 1907. Tese. Fac. de Medicina do Rio de Janeiro. Enc. v. 159.

ARMONDE, Amaro Ferreira das Neves. Da Educação Física, Intelectual e Moral da mocidade no Rio de Janeiro e da influência sobre a Saúde. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1874.

ATHAYDE, João N. Das aberrações sexuaes. Rio de Janeiro, 1907. Tese (Livre docência) Fac. de Medicina do Rio de Janeiro.

AUTRAN, Manuel Francisco Monteiro. Da assistencia a infancia. Bahia, 1904. Tese (Doutoramento) Fac. de Medicina do Rio de Janeiro. Enc. v. 143. 116p.

BANDEIRA, Arthur Alves. Grangrena social. Rio de Janeiro, 1904. Tese (Doutoramento) Fac. de Medicina do Rio de Janeiro. Enc. v. 143.

BARROS, Augusto Luiz de. Diagnostico e tratamento da loucura em dupla forma. Rio de Janeiro, 1883. Tese (Doutorado) Fac. de Medicina do Rio de Janeiro. 100p.

CAMINHOÁ, J. M. Memória sobre a profilaxia da sífilis no Rio de Janeiro in Anais da Academia de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Laemmert, 1890, vol. LV, p. 405.

CAMILLO, Alexandre Augusto D’Almeida. O onanismo na mulher: sua influência sobre o physico e o moral. Rio de Janeiro, 1886. Tese (Doutorado) Fac. de Medicina do Rio de Janeiro. Enc. v. 53.

---

<sup>17</sup> FRANÇA, Jean Marcel C. Literatura e Sociedade no Rio de Janeiro Oitocentista. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1999. P. 73.

CARRÃO, José Mariano de Amarin. Algumas Considerações sobre o Homem nas suas Diferentes Idades. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1848.

CORREA, Cesario Alves. Estygmias anatomicos dos degenerados. Rio de Janeiro, 1905. Tese (Doutoramento) Fac. de Medicina do Rio de Janeiro. Enc .v. 151.

CORREA, Horácio. Hysteria. Rio de Janeiro, 1878. Tese (Doutorado) Fac. de Medicina do Rio de Janeiro. 68p.

COSTA JUNIOR, José Joaquim da. Tratamento moral dos alienados. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1895.

CUNHA, Herculano Augusto Lassance. Dissertação sobre a Prostituição em Particular na cidade do Rio de Janeiro. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1845.

EBOLI, Thomaz. A hygiene – Os prejuízos que causam uma má alimentação. Rio de Janeiro, 1880. Tese (Rivalidação) Fac. de Medicina do Rio de Janeiro. 19p.

FAUSTO, João de Oliveira. Acerca da menstruação, seguida de regras hygienicas relativas as mulheres menstruadas... Rio de Janeiro, 1846. Tese (doutorado). Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. 19p.

FERNANDES, Álvaro Octacílio Nogueira. Moral Insanity. Rio de Janeiro, 1898. Tese (Doutoramento) Fac. de Medicina do Rio de Janeiro. Enc. v. 113.

FERREIRA, José Sérvio. A reprodução. Rio de Janeiro, 1846. Tese (doutorado). Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. 23p.

FERRO e SILVA. Da alimentação nas primeiras idades. Estudo critico sobre os diferentes métodos de aleitamento. Rio de Janeiro, 1884. Tese (Doutorado) Fac. de Medicina do Rio de Janeiro.75p.

FIRMINO JUNIOR, José Joaquim. Sobre a menstruação, precedida de breves considerações sobre a mulher... Rio de Janeiro, 1840. Tese (doutorado). Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Enc. vol. 11. 32p.

FRANCO, Francisco Corbiniano de Arantes. Da loucura puerperal. Rio de Janeiro, 1877. Tese (doutorado). Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

GARCIA, Urbano. Da intervenção cirúrgico-ginecologica em alienação mental. Rio de Janeiro, 1900. Tese (Doutoramento) Fac. de Medicina e Pharmacia do Rio de Janeiro. Enc. v. 125. 66p.

HEREDIA DE SÁ, Miguel Antônio. Algumas reflexões sobre a cópula, o onanismo e a prostituição, em especial na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1845.

LEAL JUNIOR, João Paulino de Barros. Hygiene da mulher na puberdade. Rio de Janeiro, 1910. Tese. Fac. de Medicina do Rio de Janeiro. Enc. v. 195.

LEÃO, Geraldo Carneiro. Analogias entre o Homem são e o Alienado e em particular sobre a Monomania. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1842.

LEMOS, Jefferson Sensburg de. Das influências dos fatores sociais sobre a degeneração da espécie humana. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1902.

LIMA, José Baptista Amoroso. Dos systemas penitenciários em relação à hygiene. Rio de Janeiro, 1880. Tese (Doutorado) Fac. de Medicina do Rio de Janeiro.

MACEDO, Francisco Ferraz de. Da prostituição em geral, e em particular em relação à cidade do Rio de Janeiro: prophylaxia da syphlis. Rio de Janeiro, 1872. Tese (doutorado). Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

MACEDO JÚNIOR, José Alvarez de Azevedo. Prostituição. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1868.

MAIA, Vicente José da. A menstruação na etiologia das nevroses e psychoses. Rio de Janeiro, 1896. Tese (Doutoramento) Fac. de Medicina do Rio de Janeiro. Enc. v. 109 A . 135p.

MELLO, José Tavares de. A hygiene da mulher durante a puberdade, e aparecimento periódico do fluxo catamenial... Rio de Janeiro, 1841. Tese (doutorado). Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Enc. vol. 13. 27p

MELLO, Vital Modesto da Silva. Hygiene do puerperio. Rio de Janeiro, 1900. Tese (Doutoramento) Fac. de Medicina e Pharmacia do Rio de Janeiro. Enc. v. 121. 53p.

MENEZES, Alexandre Stockler Pinto de. Responsabilidade legal dos alienados. Rio de Janeiro, 1887. Tese (Doutoramento) Fac. de Medicina do Rio de Janeiro. En. v. 64. 42p.

MEYER, Carlos Luiz. Identidade de Pessoa. Rio de Janeiro, 1892. Tese (Doutorado) Fac. de Medicina do Rio de Janeiro. Enc. v. 95. 75p.

PAULA, Luiz de. O delírio nas hystericas. Rio de Janeiro, 1899. Tese (Doutoramento) Fac. de Medicina do Rio de Janeiro. Enc. v. 120. 117p.

PEGADUS, Diocletianus Julius. Da insania puerperali. Rio de Janeiro, 1877. Tese (doutorado). Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

PEIXOTO, Antonio Luis da Silva. Considerações Gerais sobre a Alienação Mental. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1837.

PIMENTEL, Antonio Martins de Azevedo. Quaes os melhoramentos hygienicos que devem ser introduzidos no Rio de Janeiro para tornar a cidade mais saudavel? Rio de Janeiro, 1884. Tese - Fac. de Medicina do Rio de Janeiro. 166p.

REIS, Epaminondas Vilela dos. Educação physica da infância e da mulher. Rio de Janeiro, 1910. Tese (Doutoramento) Fac. de Medicina do Rio de Janeiro. Enc. v. 191.

ROSA, Josephino Satyro de Santa. Das desordens mentruaes na psychoses e nevroses. Rio de Janeiro, 1900. Tese. Fac. de Medicina do Rio de Janeiro. Enc. v. 124. 115p.



SANTOS, Thomaz Delfino dos. Que melhoramentos materiais devem ser introduzidos na cidade do Rio de Janeiro para torná-la mais salubre? Rio de Janeiro, 1882. Tese (Doutorado) Fac. de Medicina do Rio de Janeiro. 26p.

SOUZA JUNIOR, Cláudio Justiniano. Dos nevropatas e degenerados. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1897.

SILVA, Joaquim Antonio Monteiro da. Amputação útero-ovariana. Rio de Janeiro, 1883. Tese (Doutoramento) Cátedra de Obstetrícia da Fac. de Medicina do Rio de Janeiro. 71p

SILVA, João Diogo Esteves da. Dos casamentos sob o ponto de vista hygienico. Rio de Janeiro, 1879. Tese (Doutorado) Fac. de Medicina do Rio de Janeiro. 52p.

TORRES HOMEM, João Vicente. Origens da herança syphilitica e seu tratamento. Rio de Janeiro, 1904. Tese (Doutoramento) Fac. de Medicina do Rio de Janeiro. Enc. v. 148. 64p.

VASCONCELLOS, Carlos Rodrigues de. Hygiene escolar. Rio de Janeiro, 1888. Tese (Concurso) Fac. de Medicina do Rio de Janeiro. Enc. v. 73. 144p.

### **Obras do século XIX:**

ALENCAR, José de. Lucíola. Rio de Janeiro, Ediouro – Coleção Prestígio, s.d.

AZEVEDO, Aluísio de. A Condessa Vésper. Rio de Janeiro, Ediouro – Coleção Prestígios, s. d.

\_\_\_\_\_. Casa de Pensão. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s.d.

\_\_\_\_\_. Homem. São Paulo, Livraria Martins Editora, s.d.

\_\_\_\_\_. O Cortiço. Rio de Janeiro, Otto Pierre Editores, 1879.

\_\_\_\_\_. Uma Lágrima de Mulher. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s.d.

CAMINHA, Adolfo. O Bom-Crioulo. Rio de Janeiro, Ediouro – Coleção Prestígio, s. d.

CASTRO, Francisco José Viveiros de. *Attentados ao Pudor (Estudo sobre as aberrações do instinto sexual)*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Freitas Bastos, 3ªed., 1934.

MACEDO, Joaquim Manuel de. As Mulheres de Mantilha. São Paulo, Edições Melhoramentos, 3ª edição, 1965.

### **Obras:**

ALMEIDA, Cândido Mendes. Código Philipino. Typografia do Instituto Philomantico, 14ª edição, Rio de Janeiro, V.1, 1870.

ALMEIDA, José Ricardo Pires de. *Homossexualismo: a libertinagem no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1906.

BARBIN, Herculine. *O Diário de um Hermafrodita*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1983.

BELLINI, Lígia. *A coisa Obscura: Mulher, Sodomia e Inquisição no Brasil Colonial*. São Paulo, editora brasiliense, 1987.

BROWN, Judith C. *Atos Impuros: A vida de uma freira lésbica na Itália da Renascença*. São Paulo, editora brasiliense, 1986.

CALEIRO, Regina Célia Lima. *História e crime: quando a mulher é a ré - Franca 1890-1940*. 1998. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista, Franca.

CANGUILHEM, Georges. *O Normal e o Patológico*. Rio de Janeiro: Editora Forense-Universitária, 2ª edição, 1982.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Preconceito Racial no Brasil colônia*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1983.

\_\_\_\_\_. *Inquisição e Arte: Relações entre o real e o imaginário in: Inquisição: Ensaio sobre Mentalidade, Heresias e Arte*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, São Paulo: EDUSP, 1992.

CASTEL, Robert. *A Ordem psiquiátrica A Idade de Ouro do Alienismo*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1978.

CARVALHO, José Murilo. *A Construção da Ordem. A Elite Política Imperial*. Rio de Janeiro, Editora Campus, 1980.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2ª edição, 1983.

CRESCENTI, Maria Thereza Caiby. *Mulheres de ontem? Rio de Janeiro século XIX*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1988.

DONZELOT, Jacques. *A Polícia das Famílias*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980.

ENGEL, Magali Gouveia. *Saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840 – 1890)*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. Trad. de Maria T. da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 4ª ed., 1982.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *A Higienização do Povo: Medicina e Alienismo no Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado em Sociologia na Universidade Federal de Minas Gerais, 1990.

\_\_\_\_\_. Literatura e Sociedade no Rio de Janeiro Oitocentista. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1999.

FREYRE, Gilberto. Casa-Grande e Senzala. Formação da Família Brasileira sob o regime de economia patriarcal. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 6ªed., 1950, 2 vols.

\_\_\_\_\_. Sobrados e Mucambos. Decadência do Patriarcado Rural e Desenvolvimento do Urbano. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 2ªed., 1952, 3vols.

LARA, Silvia Hunold. Ordenações Filipinas – Livro V. São Paulo, Cia das Letras, 1999.

LEITE, Miriam Gouveia(org.). A Condição feminina no Rio de Janeiro século XIX: ontologia de textos de viajantes estrangeiros. São Paulo: Edusp, 1981.

LEWKOWICZ, Ida. Confisco do Santo Ofício e formas de riqueza nas Minas Gerais do Século XVIII in: Inquisição: Ensaio sobre Mentalidade, Heresias e Arte. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, São Paulo: EDUSP, 1992.

MACHADO, Roberto. Danação da Norma: Medicina Social e Construção da Psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

MOTT, Luiz. Justiça et Misericórdia: A Inquisição Portuguesa e a Repressão ao Nefando Pecado da Sodomia in: Inquisição: Ensaio sobre Mentalidade, Heresias e Arte. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, São Paulo: EDUSP, 1992.

\_\_\_\_\_. Relações raciais entre homossexuais no Brasil colônia. Revista Brasileira de História. Rio de Janeiro, ANPUH/ Ed. Marco Zero, v. 05, n. 10, 10/08/1995, p.99-122.

\_\_\_\_\_. A inquisição no Maranhão. Revista de História. São Paulo, ANPUH/ Ed. Marco Zero, v. 14, n. 28, 10/12/1994, p. 45-72.

\_\_\_\_\_. O Lesbianismo no Brasil. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

\_\_\_\_\_. O Sexo Proibido: Virgens, Gays e Escravos nas Garras da Inquisição. Campinas, Papyrus, 1988.

\_\_\_\_\_. Escravidão, Homossexualidade e Demonologia. São Paulo, Editora Icone, 1988.

\_\_\_\_\_. A Inquisição no Maranhão. Revista Brasileira de História. v. 14, n. 28. P. 45-72.

NAZÁRIO, Luiz. O julgamento das chamas: Autos-de-Fé como espetáculos de massa in: Inquisição: Ensaio sobre Mentalidade, Heresias e Arte. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, São Paulo: EDUSP, 1992.

NIZZA DA SILVA, Maria Beatriz. Vida Privada e Cotidiano no Brasil na época de D. Maria I e D. João VI. Lisboa, Editorial Estampa, 1993.

NOVAIS, Fernando e ALENCASTRO, Luis Felipe de (orgs). História da vida privada no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

NOVINSKY, Anita Waingort. A Inquisição. São Paulo, Editora brasiliense, 1ª edição, 1982.

\_\_\_\_\_. Padre Antônio Vieira, a inquisição e os judeus. *Novos Estudos* CEBRAP. São Paulo, Ed. CEBRAP, n. 29, 10/03/1991, p.172-181.

\_\_\_\_\_. A inquisição na Bahia: um relatório de 1632. *Revista de História*. São Paulo, FFCL/USP, n. 74, 10/06/1968, p.417-423.

\_\_\_\_\_, Ilana W. Heresia, mulher e sexualidade (Algumas notas sobre o Nordeste Brasileiro nos séculos XVI e XVII) in: *Vivência (história, sexualidade e imagens femininas)*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1980. P. 227-256.

PICCINI, Amina Maggi. *Visão Psicanalítica do Imaginário dos inquisidores e das Bruxas in: Inquisição: Ensaio sobre Mentalidade, Heresias e Arte*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, São Paulo: EDUSP, 1992.

PIRES, Maria do Carmo. Calundu e práticas mágicas: Feiticeiros nas Minas Gerais no século XVIII. *Estudos de História*, v. 3, n. 2, p. 95-105.

\_\_\_\_\_. Juizes Infratores: O Tribunal Eclesiástico do Bispado de Mariana (1748-1800). Dissertação de Mestrado, FHDSS – UNESP, Franca, 1997.

PRIORE, Mary Del (org.) e BASSANEZI, Carla (coord.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000.

\_\_\_\_\_. Mulher e sentimento na iconografia do século XIX. In: LIMA, Lana Lage da Gama (org.). *Mulheres, adúlteros e padres. História e moral na sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1987.

SAMARA, Eni de Mesquita. *As mulheres, o poder e a família: São Paulo – Século XIX*. São Paulo: Marco Zero, 1989.

SIQUEIRA, Sônia A. O momento da inquisição. *Revista de História*. São Paulo, FFCL/USP, v. 42, n.85, 10/03/1971, p.49-73. (cont. em: v.43, n.87, p.43-85, 1971).

\_\_\_\_\_. *A Inquisição Portuguesa e a sociedade colonial*. São Paulo, Ed. Ática, 1ed.(Ensaio 56), 1978.

SOARES, Luiz Carlos. *Rameiras, Ilhoas, Polacas: A prostituição no Rio de Janeiro do século XIX*. São Paulo: Ática, 1992.

SOIHET, Rachel. *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos Pecados: Moral, Sexualidade e Inquisição no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro, Editora Campus, 1989.

\_\_\_\_\_. Sodomia, mulheres e inquisição: notas sobre sexualidade e Homossexualismo feminino no Brasil colonial. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, SPMP/USP, v.35, 10/12/1987, p.233-254.

\_\_\_\_\_. A Heresia dos Índios: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial. Rio de Janeiro, Cia da Letras, 1ed. 1995.

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre o sistema punitivo da inquisição portuguesa in: Inquisição: Ensaio sobre Mentalidade, Heresias e Arte. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, São Paulo: EDUSP, 1992.

\_\_\_\_\_. Casamento e Amor no Ocidente Cristão. São Paulo, Editora Ática, 1986.

\_\_\_\_\_. Sodomia, Mulheres e Inquisição: Notas sobre Sexualidade, homossexualismo Feminino no Brasil Colonial. Originalmente apresentado no I Congresso Luso-Brasileiro sobre Inquisição. São Paulo, Maio/1987.

\_\_\_\_\_. História das Mentalidades e História Cultural in: CARDOSO, Ciro F. e VAIFAS, Ronaldo. Domínios da História. Rio de Janeiro, Campus, 1997. p. 127-162.

\_\_\_\_\_. (org.). História e Sexualidade no Brasil. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1986.

\_\_\_\_\_. Confissões da Bahia: Santo Ofício da Inquisição de Lisboa. Rio de Janeiro, 1ª ed., Cia das Letras, 1997.

VIDE, D. Sebastião Monteiro da. Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia. Tipografia 2 de Dezembro de Antonio Louzada Antunes, São Paulo, 1853.